André Gide: Entre amor, desejo e gozo

Maria Helena Martinho

Este texto pretende destacar alguns aspectos da infância de André Gide extraídos da criação literária do próprio autor, nos quais ele descreve e formaliza episódios de sua vida, de seu romance familiar, deixando transparecer o modo que utiliza para negar a castração do Outro: o desmentido (*Verleugnung*). Assim, de forma paradigmática, ilustra a estrutura perversa para a psicanálise. O texto procura ressaltar o que há de singular na perversão de Gide: embora o Nome-do-Pai não falte a esse sujeito, pois ele não é um psicótico, não há em Gide a conjunção entre o amor e o desejo, ao contrário, evidencia-se a disjunção destes dois elementos, e sua infância é marcada pela função de duas mães: Juliette, a mãe biológica, mãe do amor e do dever; tia Mathilde, a mãe do desejo. Baseado nos ensinamentos de Lacan sobre André Gide, o texto interroga: em que posição a mãe do amor e do dever deixa seu filho em seus primeiros anos de vida? O que foi para esta criança a sua mãe?

André Gide nasce em Paris em 1869 e morre em 1951, aos 82 anos de idade. Devota a sua vida à literatura. Autor de mais de 50 livros, dentre os quais várias ficções, poesias, críticas, biografias e traduções. Em 1947 recebe o Prêmio Nobel de Literatura, conquistado por meio de sua obra *L'immoraliste*, escrita em 1902. Além da obra publicada, Gide escreveu uma série de notas e papéis íntimos, os quais endereça a Jean Delay, um psiquiatra eminente, que consagrou a juventude de Gide nos dois volumes de sua obra.[1] "Era no psicobiógrafo que suas notinhas encontrariam sua destinação de sempre".[2] Pois, ao escrever a psicobiografia de André Gide, Delay consegue manter "o método psicanalítico, aquele que procede à decifração dos significantes, sem considerar nenhuma forma de existência pressuposta do significado".[3] O livro de Delay "encontra na ordenação de sua própria narrativa a própria estrutura do sujeito que a psicanálise designa".[4]

[1] Delay, Jean. *La jeunesse d'André Gide*, Paris: Gallimard, 1956.

[2] Lacan, Jacques, (1958). "Juventude de Gide ou a letra e o desejo". Em *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p.754.

[3] Ibid., p. 758.
[4] Ibid., p. 758.

o casal parental

Paul Gide, pai de André, descende de homens burgueses: magistrados e acadêmicos. Tem uma fulgurante carreira universitária como professor de direito. Homem sensível, por quem André tinha certa veneração. Paul passava a maior parte do seu tempo em casa, no escritório, espécie de templo o qual André era vez por outra convidado a freqüentar, raros momentos em que usufruía a companhia do pai. Por divergir de sua mulher quanto à educação do filho, deixava ao encargo dela toda a educação do menino. Segundo a mãe, a criança deveria submeter-se às ordens sem questioná-las. Ao contrário, Paul acreditava que a melhor pedagogia era explicar tudo à criança até que ela pudesse compreender. Na relação com seu pai André tinha o encanto, a alegria, a tolerância e a cultura intelectual. Em *Se o grão não morre*, ele retrata seu pai:

> "Quando meu pai não tinha muito trabalho, ele me dizia: 'Meu pequeno amigo, venha passear comigo!' Ele sempre me chamava meu pequeno amigo! Minha mãe retrucava: 'Vocês serão razoáveis, não é? Não voltem tarde!' Eu adorava sair com meu pai, e como ele raramente se ocupava de mim, do pouco que eu fazia com ele guardava um aspecto insólito, grave, alguma coisa um pouco misteriosa, que me encantava".[5]

[5] Gide, André. *Si le grain ne meut* (1955). Paris: Folio, p. 17-18.

André evoca a felicidade que experimentava em ir a Luxemburgo com seu pai, seu encantamento por ele e seu incômodo com a rigidez da mãe.

Aos doze anos de idade, perde seu pai. Em *Os falsos moedeiros*, através do personagem Boris, elabora algo sobre o próprio drama, a tragédia ocorrida na sua infância: a morte de seu pai. No romance, a morte do pai deixa o pequeno Boris submetido aos cuidados do avô. Enquanto André, após a morte do pai, fica submetido à sua mãe, "todo envolvido por esse amor que doravante se fechava sobre ele".[6] Estar entregue à mãe é estar fadado à morte, é estar condenado a permanecer prisioneiro desse amor

[6] Ibid., p. 410.

materno.

Juliette Rondeaux, a mãe de André, descende de uma família de industriais, mulher austera, masculinizada e virtuosa, cultuava a moral, sacrificava-se em nome do dever. Casou-se tarde com o pai de André por insistência da família, pois seu desejo se satisfazia com a presença de Anna Shackleton, sua preceptora, sua amiga.

> "Era uma mocinha pouco receptiva aos pretendentes quanto às gentilezas, e que das núpcias que tardam a vir, consola o vazio com uma paixão por sua preceptora, cujas cartas Jean Delay torna eloqüentes, de um modo impassível: o ciúme e o despotismo não são de se relegar nelas, embora não sejam estampados, nem tampouco os abraços de uma alegria inocente, por mais ancorados que sejam em rotinas de vestais".[7]

A posição subjetiva da mãe de Gide marca-se por uma homossexualidade não manifesta no corpo, mas a partir de uma relação apaixonada com a sua preceptora inglesa. "Juliette Rondeaux toma-se de uma amizade passional por sua preceptora e 'essas senhoritas', como se dizia, tornam-se inseparáveis".[8] Ana escreve a Juliette: "Que estranha coisa que une totalmente uma vida a outra. Quando estamos separadas, parece que a vida é um deserto; quando estamos juntas, a vida é sempre doce".[9]

Mulher de moral puritana, encarava a vida como um dever e, provavelmente, assim se ofereceu a seu marido para conceberem seu único filho, André. Certa vez, Juliette queixou-se do marido ao filho já adulto: "Teu pai, que nunca me fez a sombra de um elogio".[10]

[7] Lacan, Jacques, (1958). "Juventude de Gide ou a letra e o desejo". Op.Cit., p.760.

[8] Delay, Jean. *La jeunesse d'André Gide*. Op. Cit., p, 46.

[9] Ibid., p. 46.

[10] Gide, André. *Correspondance avec as mère*. Paris: Gallimard, 1998, p. 631.

sua tia mathilde rondeaux

A tia Mathilde interveio de forma decisiva na história de André. Foi, ao mesmo tempo, a salvadora e a pervertedora. Lucile Bucolin, a tia de *A porta estreita*, possui todos os traços de Mathilde: indolente e sensual, passa seus dias estendida sobre algum

sofá, às voltas com o tédio ou com alguma crise nervosa. Não escondia seu gosto pelos jovens, escandalizando o meio puritano a que pertencia seu esposo, um homem mais velho e que a amava profundamente. Mathilde, a tia da realidade, acabou fugindo com um de seus amantes, abandonando os filhos e o marido, o qual não sobreviveu por muito tempo a essa mágoa.

Em *A porta estreita*, encontrando-se a sós com o sobrinho de treze anos de idade e, sob o pretexto de ajeitar-lhe a roupa, a tia passa a mão em seu peito, seduzindo-o, convidando-o a ser amável por ser desejado.

> "Um dia, naquele verão entro no salão e apanho um livro, ela estava ali, ela que habitualmente parecia que não me via, me chama. Por que vais tão rápido? Te causo medo? Com o coração palpitante me aproximo, me esforço em sorrir e lhe estendo a mão. Ela segura minha mão e a com a outra me acaricia a face. Como tua mãe te veste mal! Pobrezinho! Usa-se o colarinho aberto. Abre a camisa, me abraça com seu rosto perto do meu, e com uma das mãos me acaricia o peito, por baixo da camisa e vai descendo a mão. Dei um salto tão brusco que os botões se abriram. Corri para o jardim, o rosto incandescido, e lá, em uma pequena cisterna, lavei tudo o que ela havia tocado".[11]

[11] Delay, Jean. *La jeunesse d'André Gide*. Op. Cit., p. 297.

Realidade e ficção se misturam. A tentativa de sedução da tia Mathilde foi narcisicamente fundadora para Gide e, como se espera, despertou-lhe o desejo, dando à libido do menino figura humana. Mas, entre os dois lugares constituintes da cena originária, a subjetividade de Gide rejeitou aquela que fazia dele o objeto do desejo feminino para identificar-se com a sedutora. A descoberta, aos vinte e quatro anos, de seus gostos pederastas representa o momento constituído pela cena com a tia.

> "No momento daquela sedução, ele se transformara no filho desejado e, aliás, fugira hor-

> rorizado, porque na verdade, nada viera introduzir o elemento de aproximação e mediação que teria feito daquilo outra coisa que não um trauma. No entanto, ele se descobrira pela primeira vez na posição de criança desejada. Essa situação nova, que sob certo aspecto seria salvadora para ele, iria fixá-lo, no entanto, numa posição profundamente dividida, em razão da maneira atípica, tardia como se produziu esse encontro".[12]

O invólucro mortal, que Gide havia conhecido no amor materno, muda. Mais que o amor protetor, é o desejo que salva. A sedução salvadora da bela Mathilde teve o efeito de uma mutação decisiva, mostrando o recuo da morte. Gide assume o desejo do qual ele foi objeto e o qual não pôde suportar, ficando para sempre e eternamente apaixonado pelo "menino que fora por um instante nos braços da tia que lhe afagara o pescoço, os ombros, e o peito".[13]

uma criança privada de luz

A infância de André Gide marca-se por uma falta de graça. Suas primeiras fotografias mostram-no feio, rosto contraído, ar ranzinza, parece privado da florescência da infância. André foi uma criança "toda cozinhada na sombra".[14] Ao relatar sua infância, descreve-se como privado de luz: "A espessa noite em que minha puerilidade se demorava".[15] O estado larvar em que eu me arrastava".[16] "As trevas em que pacientava a minha infância".[17] Criança solitária, educada na mais estrita moral protestante, filho de pai doce e mãe tirânica. O sentimento de solidão e de dessemelhança é experimentado por André desde muito pequeno.

Aos doze anos de idade, após a morte do pai, diz com desespero: "eu não sou igual aos outros"[18], evocando o *Schaudern*, palavra tomada de Schopenhauer, "que poderíamos traduzir como 'calafrio na espinha do ser'"[19]. A primeira experiência do *Schaudern* foi provocada pelo anúncio da morte de um primo pequeno; a segunda, pela morte de seu pai; e a terceira, quando imaginou que um de seus colegas corria risco de morte com as

[12] Lacan, Jacques. (1957-58). *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999, p. 270.

[13] Ibid., p. 270.

[14] Gide, André. *Si le grain ne meut* (1955). Op.Cit., p. 430.

[15] Ibid., p. 369.

[16] Ibid., p. 389.

[17] Ibid., p. 438.

[18] Ibid., p. 439.

[19] Alberti, Sonia. "A homossexualidade de André Gide". Em: *Falo 4/5: Revista Brasileira do Campo Freudiano*. Salvador: Editora Fator Ltda, 1989.

prostitutas do Havre.

O erotismo masturbatório no menino André traz a marca das sombras da morte, como veremos mais adiante. Há aí alguma coisa de absolutamente originário na sua sexualidade. Em sua primeira ida à escola, aos nove anos de idade, é expulso por estar se masturbando em sala de aula. Os pais, preocupados com a atitude do menino, levam-no a um médico. Ele coloca diante do menino uma série de instrumentos cortantes. E essa ameaça de castração não provoca nele o menor efeito, ele não acredita que algo tão violento possa ser verdade. O modo de gozar de André não sofre qualquer modificação com a puberdade. Seu prazer sempre foi masturbatório. Tal alvo sexual veio para substituir o gozo primário da primeira infância.

Se Eros tem o poder de coesão, de união, em André encontramos o avesso, rompe-se a unidade. Das forças de dissolução originam-se os primeiros gozos. O gozo essencial para André era o masturbatório, atestado desde a sua mais tenra idade.

sua prima madeleine rondeaux

A casa da prima Madeleine, da tia Mathilde e do tio Rondeaux, foi palco de duas cenas: aquela de sedução vivida com tia Mathilde e uma outra vivida com Madeleine, sua prima e dois anos mais velha. No primeiro andar da casa dos Rondeaux, ficava o escritório do tio Émile, que nele se fechava o dia inteiro. No segundo andar, o quarto da infiel esposa. Gide, em *Se o grão não morre*, relata a cena que entreviu: Mathilde estendida sobre um sofá, à espera de seu amante, na companhia de suas filhas mais novas. O quarto dos filhos ficava no terceiro andar da casa e lá, aos treze anos de idade, Gide descobre Madeleine de joelhos, aos prantos, e sente com a cena "um auge de embriaguez, entusiasmo, amor, desamparo e devoção".[20] A partir deste momento, Gide se dedica a proteger Madeleine. Elege-a como objeto único do amor.

> "Aquele instante decidiu minha vida... Ébrio de amor, de piedade, de uma indistinta mistura de entusiasmo, de abnegação, de virtude, eu apelava a Deus com todas

[20] Gide, André. *Si le grain ne meut* (1955). Op.Cit., p. 269.

> as minhas forças e me oferecia, não concebendo mais outro objetivo para a minha vida senão proteger aquela criança contra o medo, contra o mal, contra a vida".[21]

[21] Gide, André. *La porte étroite, Romans La Plêiade*. Paris: Gallimard, 1958. p. 504.

Diante da prima, Gide reproduz o envolvimento de seu amor: identificado à mãe do amor e do dever, ao modelo de rigor moral, ele doravante gosta em Madeleine de um outro si mesmo, do filho que ele foi para sua mãe, frágil, objeto do amor que necessita de proteção contra o mal e contra a vida.

Aos vinte e quatro anos, ainda virgem, Gide descobriu seu desejo sexual por rapazes, emergindo assim do confinamento masturbatório em que a sua sexualidade havia mergulhado até aquele momento. Descreve como um estado de puro prazer sua primeira experiência sexual vivida com um rapaz. Dois anos depois, após a morte de sua mãe, Gide casa-se finalmente com Madeleine, mulher idealizada, a ponto de se tornar a única. Dedica-lhe um amor puro, infinito e imóvel. Vive com ela, durante vinte anos, um casamento nunca consumado. Madeleine não podia ser nem o objeto nem o agente de uma sedução que lhe causava horror. Por um lado, Madeleine se parece com a mãe de Gide em sua ausência de graça; por outro, tem também traços de sua própria mãe, a mesma cor de pele, o mesmo ar lânguido.

a perversão de gide

Ao contrário do que muitos possam imaginar, a perversão de Gide não se deve ao fato de ele só poder desejar os meninos, de ele ser um pedófilo, mas por construir a mulher ideal, não castrada. Gide faz existir *A Mulher*, sua mãe é "toda para ele" e Madeleine é a única do amor. "É isso que o coloca, em relação à prima, numa dependência mortal, que o faz exclamar: 'Você não tem como saber o que é o amor de um uranista. É qualquer coisa como um amor embalsamado".[22]

[22] Lacan, Jacques. (1957-58). *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Op.Cit., p. 271.

Lacan propõe que "todo problema das perversões consiste em conceber como a criança, em sua relação com a mãe, relação constituída na análise, não por sua dependência vital, mas pela dependência de seu amor, isto é, pelo seu desejo de desejo, identifica-se com o objeto imaginário desse desejo, na medida em que a

própria mãe o simboliza no falo".[23] Aqui Lacan põe em evidência a preponderância da relação com a mãe. Entretanto, no texto referente a Gide, dois anos mais tarde, Lacan vai além da concepção mencionada, recolocando em causa a fórmula da metáfora paterna, como o segredo da perversão.

Se nos perguntarmos "O que foi para esse menino sua mãe?"[24], tomando como referência a metáfora paterna, podemos dizer que a mãe de Gide não pôde conjugar o amor e o desejo. Na mãe de Gide, o falo não tem o lugar que deveria ter, para assegurar o funcionamento da metáfora paterna. Na relação primária de Gide com sua mãe apreende-se algo de abissal:

> "Uma mãe que, ao mesmo tempo que tinha altíssimas e notabilíssimas qualidades, e um não-sei-quê de totalmente elidido em sua sexualidade, em sua vida feminina, que, na presença dela, certamente deixava o menino, no momento de seus primeiros anos de vida, numa posição totalmente não situada".[25]

Aqui podemos fazer valer o que domina a existência infantil de Gide: a mortificação. Há uma mortificação do falo, que comporta a falha do desejo de mulher em Juliette. Como o amor da mãe se identificou com o mandamento do dever, ela não simbolizou para ele o desejo pelo falo, o gozo do órgão não foi enganchado na metáfora paterna, e vagou solitário, como vimos na cena da masturbação aos nove anos na escola. Assim, em lugar do desejo da mãe, ou antes, do significado do desejo da mãe, temos a mortificação, e de maneira concomitante e conseqüente, o gozo fálico desempenha seu papel solitário. "O menino Gide entre a morte e o erotismo masturbatório só tem do amor a fala que protege e a que interdita: a morte levou com seu pai aquela que humaniza o desejo. Por isso é que o desejo fica, para ele, confinado no clandestino".[26] O que estaria Lacan ressaltando ao referir-se a Gide como aquele que está "entre a morte e o erotismo masturbatório"?[27] Não são apenas as mães que são duplicadas: a mãe do amor e mãe do desejo. Tudo Indica que nos deparamos com dois falos: o falo mortificado e o falo do erotismo masturbatório. Há em Gide uma repartição da função fálica entre sua mortificação

[23] Lacan, Jacques.(1955-56)."De uma questão preliminar a todo tratamento possível das psicoses". Em Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p.561.

[24] Lacan, Jacques. (1958)."Juventude de Gide ou a letra e o desejo". Em *Escritos*. Op. Cit., p. 760.

[25] Lacan, Jacques, (1958)."Juventude de Gide ou a letra e o desejo". Op. Cit., p.754.

[26] Lacan, Jacques, (1958)."Juventude de Gide ou a letra e o desejo". Op. Cit., p.754.

27 Ibid., p. 764.

nas mãos da mãe e sua liberação de modo solitário, como o gozo do idiota, fora do laço social, fora do laço sexual. O termo "erotismo masturbatório" vem indicar tal liberdade solitária. Se (-φ) é o significante da castração, curiosamente em Gide é como se esses dois elementos estivessem disjuntos: de um lado o (-), o falo mortificado e do outro, o (φ), o falo do erotismo masturbatório.

O menino Gide teve o contato secreto com a morte, *Schaudern*, ao invés do desejo da mãe. Podemos dizer que a mãe do amor identificada à lei tem, sem dúvida, um desejo, mas um desejo que tem como conseqüência (-). É nisso que ela pode ser dita mortífera, ela leva à morte. A mãe está sempre lá e a envoltura do seu amor devora o desejo. Ela não deixa lugar para a falta, a via para o desejo. Sendo assim, na primeira infância há uma disjunção entre amor e gozo. Mas, após a cena tardia de sedução da tia Mathilde, ocorrida aos treze anos de idade, a disjunção se fez entre amor e desejo. A tia torna-se a mãe do desejo, e seria a chance de repositivar o falo, pois o desejo da mãe só deixou a sua incidência negativa, devido ao fato da identificação do amor e do dever.

Que acesso à mulher essa mãe do amor e do dever permitiu a esse sujeito? Permitiu-lhe acesso a uma só mulher do amor. E nesse nível, a mulher ideal para Gide, Madeleine, se desenhou sob a forma do anjo, do ser sem sexualidade. O gozo erótico (ϕ) permaneceu no erotismo masturbatório com os meninos. Em nome desse amor "embalsamado", Madeleine suportou longos anos de um casamento sem sexo. O insuportável, para ela, foi ele ter se apaixonado por outra pessoa. Por isso queimou o mais precioso legado que Gide destinou a ela e à posteridade, as mais belas cartas de amor. "Essas cartas em que ele depositou a sua alma não tinham cópia. E sua natureza de fetiche, evidenciada, provoca o riso que acolhe a subjetividade apanhada desprevenida".[28] A obra literária de Gide, os documentos endereçados a Delay e as cartas de amor não colocam em evidência a forma encontrada por ele de se tornar imortal? Sua estratégia para driblar a morte? Seu modo de desmentir a castração que é a morte?

[28] Ibid.,p.774.

referências bibliográficas

ALBERTI, Sonia. "A homossexualidade de André Gide". Em: *Falo 4/5: Revista Brasileira do Campo Freudiano*. Salvador: Editora Fator Ltda, 1989.

DELAY, Jean. *La jeunesse d'André Gide*, Paris: Gallimard, 1956.

GIDE, André. *Si le grain ne meut*. Paris: Folio, 1955.

GIDE, André. *La porte étroite, Romans, La Plêiade*. Paris: Gallimard, 1958.

GIDE, André. *Correspondance avec as mère*. Paris: Gallimard, 1998.

LACAN, Jacques.(1955-56). "De uma questão preliminar a todo tratamento possível das psicoses". Em *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LACAN, Jacques. (1957-58). *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

LACAN, Jacques, (1958). "Juventude de Gide ou a letra e o desejo". Em *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

MILLOT, Catherine. Gide, Genet, Mishima: inteligência da perversão. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

resumo

Este texto pretende destacar alguns aspectos da infância de André Gide, extraídos da sua criação literária e nos quais descreve e formaliza episódios de sua vida, de seu romance familiar, deixando transparecer o modo utilizado para negar a castração do Outro: o desmentido (*Verleugnung*). De forma paradigmática, ilustra a estrutura perversa para a psicanálise. O texto procura ressaltar o que há de singular na perversão de Gide. Embora o Nome-do-Pai não falte a esse sujeito, pois não é um psicótico, não há em Gide a conjunção entre o amor e o desejo. Ao contrário, o que se evidencia é a disjunção desses dois elementos, marcando a sua infância pela função de duas mães: Juliette, mãe biológica, é a mãe do amor e do dever, enquanto a tia Mathilde faz a função de mãe do desejo. O texto mostra aquilo que se evidencia em Gide: a sedução da tia Mathilde é narcisicamente fundadora e salvadora: despertando o desejo, dá à libido do menino Gide a figura humana. Baseado nos ensinamentos de Lacan sobre André Gide, o texto pretende interrogar em que posição a mãe do amor e do dever deixa o filho, nos seus primeiros anos de vida. O que foi para esta criança a sua mãe?

palavras-chave

amor, desejo, gozo

abstract

This text intends to detach some aspects of André Gide´s infancy extracted from the literary creation of the own author, in which he describes and legalizes episodes of his life, his familiar romance, leaving to be transparent the way that he uses to deny the castration of the Other: the *Verleugnung*, thus illustrating what it is the perverse structure for the psychoanalysis. The text intends to stand out what it has of singular in Gide´s perversion: although the *Father´s Name* does not miss to this subject, therefore he is not a psychotic one, does not have in Gide the conjunction between the love and the desire, on the contrary, becomes evident the disjunction of these two elements, marking his infancy for the function of two mothers: Juliette, the biological mother, is the mother of the love and the duty, while the aunt Mathilde, makes the function of mother of the desire. The text makes clear what it is evident in Gide: the saving seduction of the aunt Mathilde is founding, awaking the desire. Based in the teachings of Lacan about André Gide, this text intends to interrogate: In what position the mother of the love and the duty leaves her son, in the first years of his life? What was this mother for this child?

key words

love, desire, enjoyment

recebido

20/02/2007

aprovado

25/05/2007